

Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo (*)

MANUELA VERÍSSIMO (**)

LÍGIA MONTEIRO (***)

BRIAN E. VAUGHN (****)

ANTÓNIO J. SANTOS (**)

1. QUALIDADE DA VINCULAÇÃO/COGNIÇÃO SOCIAL

Recentes investigações, baseadas nos pressupostos teóricos enunciados por Bowlby e Ainsworth na sua teoria da vinculação, salientam a ligação entre a qualidade da vinculação durante a infância e as áreas do desenvolvimento social, cognitivo e emocional (Thompson, 1998).

Estes estudos, nos domínios da adaptação, surgem da noção de Bowlby (ex. 1973) de que a relação de vinculação serve de base para um conjunto de representações mentais da mãe, do *self* e do mundo mais largamente construído. Embora, os resultados deste corpo teórico de investigação não sejam de modo algum conclusivos, a tendência geral dos dados é favorável às crianças com relações de vinculação segura às mães (em ambas as avaliações, antecedente e concorrente, da segurança de vinculação) nos domínios anteriormente referidos. Destes o que, provavelmente, tem recebido mais atenção por parte dos investigadores é o desenvolvimento emocional.

(*) Agradecimentos: Os autores gostariam de agradecer a todas as mães, crianças e educadoras que aceitaram participar neste estudo. Este estudo faz parte de um projecto de investigação financiado pela FCT (POCTI/1999/PSI/36429). Os autores gostariam também de agradecer a Ilidia Duarte e Alda Meneses pela colaboração na recolha dos dados.

(**) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação, ISPA.

(***) Bolseira da F. C. T. SFRH/BD10277/2002. UNL/ISPA.

(****) Department of Human Development and Family Studies, Auburn University, USA.

(**) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação, ISPA.

Embora Bowlby (ex. 1982) acreditasse que vinculação e emoção se encontravam intimamente relacionadas, as actuais tendências teóricas, relativas ao desenvolvimento emocional, tendem a focalizar a sua atenção na emergência de diferentes afectos, nas suas correlações internas (neurológicas ou endócrinas) e nas circunstâncias em que foram estimulados (ex. Izard & Malatesta, 1987; Sroufe, 1988) em vez de nas questões relacionais. Esta tendência tem, contudo, vindo a ser alterada na última década. Actualmente, os estudos relacionados com de-

envolvimento emocional têm, frequentemente, em consideração o contexto social/relacional da expressão e compreensão emocional (ex. Denham, 1998; Sroufe, 1998). Investigações referidas por Denham e associados (Denham, 1997; Denham & Couchoud, 1990; Denham, Mitchell-Copeland, Strandberg, Auerbach & Blair, 1997; Denham, Zoller & Couchoud, 1994) centram a sua atenção na socialização das expressões emocionais e na compreensão que as crianças pequenas têm das emoções como respostas funcionais a circunstâncias externas. Os resultados referidos, por estes investigadores, indicam que a expressão e compreensão das emoções de crianças, em idade pré-escolar, variam consideravelmente e estão relacionadas com as interações estabelecidas entre a figura parental e a criança durante os períodos da primeira e segunda infância.

À medida que o interesse dos investigadores na área do desenvolvimento se tem afastado dos estudos descritivos, referentes à organização e emergência dos estados e expressões emocionais, para a integração funcional das experiências emocionais nos contextos sociais e de socialização, a importância das relações de vinculação tem-se tornado mais evidente. Nomeadamente, a vinculação segura da criança à mãe é um indicador significativo (quando a vinculação é avaliada na infância) quando correlacionada em simultâneo (quando a vinculação e a compreensão emocional são medidas durante o mesmo período do desenvolvimento) com a expressividade (ex. Kochanska, 1997) e compreensão emocional (ex. DeMulder, Denham, Schmidt & Mitchell, 2000; Laible & Thompson, 1998; Steele, Steele, Croft & Fonagy, 1999). Os resultados, referidos por Kochanska (1997) sugerem que as crianças seguras diferem das crianças inseguras (quando avaliadas 2 ou 3 anos depois) relativamente, aos seus padrões típicos de expressividade emocional e apresentam diferenças significativas face às crianças inseguras-evitantes e inseguras-resistentes (Taxonomia dos tipos de vinculação de Ainsworth, in Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). Assim, a qualidade da vinculação da criança à mãe é associada às diferenças encontradas no modo como as crianças em idades pré-escolares (36 meses-60 meses) expressão as suas emoções, na sua compreensão dos estados emocionais e no seu significado funcional para o *self* e para os outros.

A capacidade das crianças para expressarem emoções adequadas às circunstâncias, para adequar as suas reacções emocionais negativas e compreender o significado dos estados/expressões emocionais para o *self* e para os outros, tem sido denominada de «Competência emocional» por Denham (Denham, 1998; Denham & Auerbach, 1995, Denham et al., 1997) entre outros (Buck, 1993; Lewis, 1998; Saarni, 1998; Thompson, 1998).

O relacionar a emoção com termos mais cognitivistas, como «competência» e «inteligência», levanta a questão: será que a competência emocional é apenas consequência de outras, nomeadamente, de competências sócio-cognitivas que podem ser aplicadas, quando necessário, a domínios específicos da experiência? A relação entre cognição social e compreensão emocional, também, convida a analisar a relação entre vinculação e compreensão emocional, de modo a determinar se os resultados encontrados para as crianças seguramente vinculadas são apenas exemplos de um conjunto geral de diversas capacidades aplicáveis (que podem ou não estar explicitamente relacionadas a relações de base segura) ou se são específicas do conteúdo emocional.

Um reduzido número de estudos, tendo por base a perspectiva da vinculação, tem sugerido que a qualidade das relações de base-segura está implicada, no modo como a informação relevante da vinculação é codificada e/ou mobilizada. Kirsh e Cassidy (1997) avaliaram crianças em idades pré-escolares, ao nível da atenção e da memória com informações consideradas relevantes para a vinculação. Os autores verificaram que, as crianças com relações de vinculação seguras (com base em avaliações conduzidas 2 anos antes às tarefas pré-escolares) apresentavam diferentes padrões de atenção para cartões/estímulos que representavam diversas formas de interacção mãe-criança, comparativamente com as crianças com relações inseguras. E que as crianças com relações seguras tinham uma melhor capacidade de mobilização dos conteúdos das histórias relevantes para as interações responsivas e rejeitantes, do que as crianças inseguras. Um estudo realizado por Belsky, Spritz e Crnic (1996) obteve resultados semelhantes para as memórias positivas (mas não para as medidas da atenção), embora os acontecimentos utiliza-

dos (as representações de interações e negativas foram realizadas com marionetas) tenham sido, geralmente, positivos e não explicitamente relevantes em termos de informação da vinculação. Estes dois trabalhos sugerem que a qualidade das relações de base segura durante a primeira e o início da segunda infância influenciam o modo como as competências sócio-cognitivas são empregues dentro de contextos relativamente circunscritos.

Se as influências da relação de vinculação são ou não observáveis para além destes domínios, continua a ser uma questão aberta ao debate (ver Meins, 1997, para um argumento que alarga o campo das influências da vinculação muito para além da compreensão emocional). Um objectivo do presente estudo foi examinar múltiplos domínios da cognição social, incluindo, mas não se limitando, ao conhecimento emocional de modo a determinar os graus de especificidade (vs. generalidade) dos seus efeitos.

Para além de explorar o domínio da especificidade (vs. generalidade) dos efeitos da vinculação na cognição social, o presente trabalho reconhece que os teste realizados com o objectivo de analisar as implicações da teoria da vinculação têm sido, essencialmente, realizados na América do Norte e/ou com participantes de língua inglesa. Tal não deixa de ser curioso, dada a enorme aceitação do argumento de Bowlby (ex. 1982) de que a vinculação é uma característica da espécie humana e o quase reconhecimento universal de que, as diferenças individuais na organização dos comportamentos de base-segura, surgem como resultado das características da história de interacção mãe/criança (ex. Ainsworth et al., 1978; G. Posada, Goa, Wu, R. Posada, Tascon, Schoelmerich, Sagi, Kondo-Ikema, Haaland, & Synnevaag, 1995). Assim, o presente estudo alarga o âmbito dos conhecimentos transmitidos pelos trabalhos que analisam as relações entre os constructos da vinculação e a cognição social, uma vez que integra tarefas que avaliam aspectos não-emotivos das capacidades sócio-cognitivas, bem como tarefas que focam explicitamente o conhecimento emotivo. Alarga, ainda, o alcance do fenómeno a crianças que não falam a língua inglesa e não são norte-americanas.

Esta avaliação decorreu no contexto de um estudo, mais geral, relativo às relações de vin-

culação mãe-criança e ao comportamento social da criança, realizado em escolas de ensino Pré-escolar portuguesas. A amostra é constituída por participantes oriundos, maioritariamente, da classe média em termos de educação, profissão e rendimento, o que facilita a comparação entre esta amostra e outras já existentes.

As hipóteses específicas a serem testadas incluem: (1) crianças descritas como tendo uma relação de vinculação segura às suas mães, terão um mais rápido e adequado acesso ao léxico emocional, em tarefas que requerem que elas avaliem os estados emocionais de outras crianças, do que as crianças descritas como inseguras; (2) Crianças com relações de vinculação seguras serão capazes de interpretar ou justificar os estados emocionais de outras crianças mais adequadamente, do que as crianças inseguramente vinculadas.

2. MÉTODO

2.1. *Participantes*

A amostra utilizada é constituída por 50 díades mãe/criança. À data da recolha das informações relativas ao *Attachment Behaviour Q-Set* as crianças tinham idades compreendidas entre os 36 meses e os 47 meses ($x=40.8$ e $\sigma=3.084$), sendo 23 do sexo feminino e 27 do sexo masculino. As mães tinham idades entre os 21 e os 42 anos ($x=32.26$ e $\sigma=4.342$). A idade de entrada das crianças para a Creche/Jardim-de-infância oscilava entre os 4 e os 40 meses, ($x=6.8$ e $\sigma=1.591$). As díades seleccionadas são pertencentes a um nível socio-económico médio, médio-baixo.

2.2. *Instrumentos*

Com vista à recolha dos dados necessários à realização deste trabalho, utilizaram-se dois instrumentos: o *Attachment Behaviour Q-Set - AQS* (versão 3.0, Waters, 1987), e a Bateria de Provas Sócio-Cognitivas, elaborada por Strayer et al. (1994).

2.2.1. O AQS – 3.0 (Waters, 1987)

O AQS permite estudar a representação da relação de vinculação da criança à mãe, obtendo-se assim, uma descrição pormenorizada do comportamento vincutivo da criança e do seu desenvolvimento, possibilitando a observação das mudanças e continuidades individuais no mesmo (Veríssimo, Blicharski, Strayer & Santos, 1995).

2.2.2. Bateria de Provas Sócio-Cognitivas (Strayer, Gravel, Pagé, & Biazutti, 1994)

Esta bateria é constituída por três séries de provas sobre: a Descentração cognitiva e afectiva e a Compreensão Pró-social. A série sobre a Descentração é composta por duas provas: a «Escolha de um presente» e a «Escolha de um rosto», onde se avalia respectivamente, a Descentração Cognitiva e Afectiva da criança. A «Escolha de um presente» elaborada por Lefebvre-Pinard e Lamarche (Strayer et al., 1994), compreende originalmente três histórias, das quais neste estudo apenas foram utilizadas duas. Estas medem a capacidade da criança perceber o ponto de vista cognitivo do outro. Para cada uma das histórias, apresenta-se ao sujeito um cartão ilustrando um(a) menino(a) que sofre de um *handicap*: nas pernas e nos ouvidos, sendo-lhe contada uma história acerca do mesmo. De seguida, são-lhe apresentados três cartões que ilustram brinquedos que poderá oferecer à criança doente, tendo em conta o seu *handicap*. Após o sujeito ter feito a sua escolha é pedido que a justifique. A prova «Escolha de um rosto» elaborada por Lefebvre-Pinard e Lamarche (Strayer et al., 1994), avalia a capacidade da criança ter em conta o ponto de vista afectivo do outro. Originalmente, é constituída por quatro histórias, tendo neste estudo sido utilizadas apenas três: Para cada uma das três situações (o presente, a praia e a sopa), contam-se em momentos distintos duas histórias ao sujeito, tendo como base uma ilustração. Uma, com uma consequência positiva e outra com uma consequência negativa. Em cada história, é pedido ao sujeito para escolher de entre três rostos: a sorrir, a chorar e um neutro, aquele que representa melhor o que o(a) menino(a) da história contada sente. Em seguida, é pedido à criança para justificar a sua resposta.

A série de Compreensão Pró-social é adaptada por Strayer et al. (1987), da prova de Eisenberg (1979), que avalia a tendência da criança para intervir ou não de forma pró-social face a uma criança em situação problemática. Procura não só analisar a atitude da criança, bem como a compreensão que ela tem das necessidades do outro. No presente estudo, foram utilizadas duas histórias: «O piquenique» e «O jardim». Após se ter contado a história com suporte nas ilustrações, a criança tem a possibilidade de escolher uma solução (um final) de carácter pró-social ou egoísta para a história. Num primeiro momento, pedimos-lhe que justifique a resposta dada. Para num segundo momento, a confrontarmos com a consequência da sua escolha, oferecendo-lhe a oportunidade de a manter ou de a alterar. A resposta deve ser justificada.

Saliente-se, que as ilustrações e as personagens utilizadas nas diferentes histórias estavam adaptadas ao sexo das crianças, ou seja, tratando-se de um sujeito do sexo masculino, as personagens da história e as figuras que surgiam nos cartões eram rapazes. No caso do sujeito ser do sexo feminino, as personagens eram raparigas.

3. PROCEDIMENTO

3.1. Aplicação do AQS-versão 3.0 (Waters, 1987) às mães

O AQS foi aplicado individualmente às mães com o investigador sempre presente junto destas, explicando o seu funcionamento e tirando as dúvidas que surgiam. As instruções dadas às mães foram idênticas, havendo a preocupação de que todas compreendessem os objectivos e as instruções transmitidas, bem como, tivessem o tempo necessário para se familiarizarem com o instrumento.

3.2. Bateria de Provas Sócio-Cognitivas (Strayer et al., 1994)

As provas foram administradas em duas sessões diferentes, onde apenas esteve presente o investigador e a criança. Na primeira sessão, realizaram-se as provas: «Escolha de um rosto (A e B)» e «Escolha de um presente». Na segunda,

efectuaram-se as provas: «Escolha de um rosto (A e B)», «O piquenique» e «O jardim». Para tal, foi dito à criança que iríamos fazer alguns jogos e que necessitávamos da sua ajuda para os realizar.

A cotação dos dados referentes à Bateria de Provas Sócio-Cognitivas (Strayer et al., 1994), foi realizada por dois observadores procurando-se, assim, obter concordância inter-observadores, tendo como objectivo uma cotação mais fidedigna dos dados.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Tomando como referência os valores de critérios relativos à criança ideal (Waters, 1995), correlacionou-se a informação obtida através dos AQS dos participantes, com o valor de critério da criança definida teoricamente como segura. Tal correlação visava obter os valores de critérios dessas crianças no constructo em causa (Posada, Waters, Crowell & Lay, 1995). Para além da análise global dos valores de critérios de Segurança e Dependência, as crianças foram também avaliadas em quatro escalas derivadas do AQS, elaboradas por Posada et al. (1995).

4.1. Classificação dos sujeitos nos valores de critérios de Segurança e Dependência com base nas representações maternas

Através da Análise Hierárquica de *Clusters* as crianças foram classificadas nas dimensões da Segurança e Dependência. Esta técnica de análise multivariada examina e revela a diversidade comportamental existente na amostra, permitindo a identificação de grupos de crianças com comportamentos semelhantes. A Análise Hierárquica de *Clusters* permitiu assim, dividir a amostra em grupos, fornecendo uma análise detalhada dos mesmos nas dimensões reflectidas nos itens do AQS e sintetizadas nos valores de critério de Segurança e Dependência (Strayer, Veríssimo, Vaughn & Howe, 1995).

Com base nas representações maternas obtiveram-se três grupos de crianças. As suas médias nos critérios de Segurança e Dependência podem ser analisadas na Figura 1.

O grupo 1, constituído por 28 crianças é descrito pelas mães como seguro e independente. O grupo 2, composto por 14 crianças é considerado como inseguro e dependente. O grupo 3 compreende 8 crianças percebidas como inseguras e independentes. Ao nível do valor de critério da Segurança verifica-se a existência de diferenças

FIGURA 1

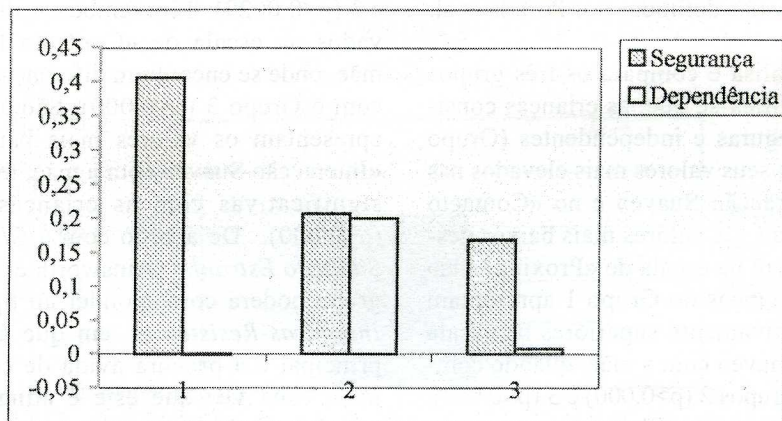
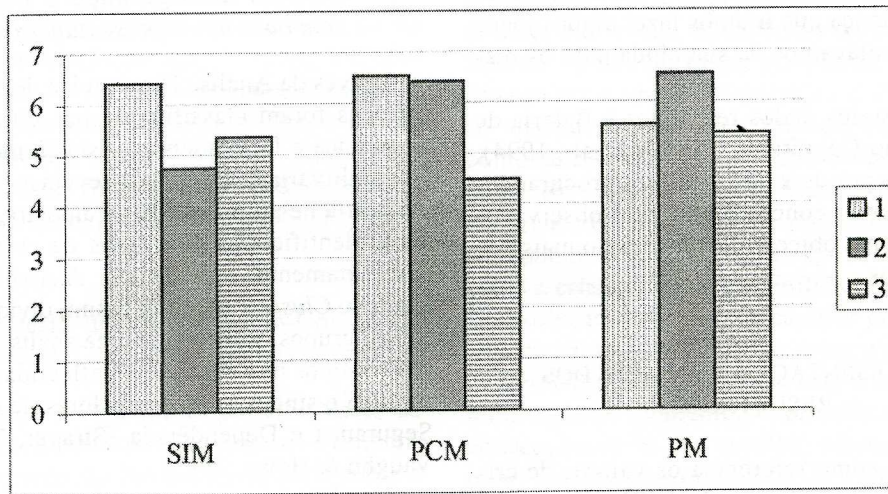


FIGURA 2



significativas ($f(49, 2)=12,334$, $p<0.000$) entre os grupos. Através de uma análise *Post-Hoc* constata-se que existem diferenças significativas entre os grupos 1 e 2 ($p<0.000$) e os grupos 1 e 3 ($p<0.000$). No valor de critério da Dependência existem diferenças significativas entre os grupos de crianças ($f(49, 2)=14,416$, $p<0.00$), tendo-se verificado com base numa análise *Post-Hoc*, a existência de diferenças significativas entre os grupos 1 e 2 ($p<0.000$) e entre os grupos 2 e 3 ($p<0.026$).

Seguidamente, analisou-se as características dos três grupos identificados pelas mães de acordo com as escalas definidas por Posada et al. (1995).

Quando se analisa e compara os três grupos identificados verifica-se que: as crianças consideradas como seguras e independentes (Grupo 1), apresentam os seus valores mais elevados nas escalas de «Interacção Suave» e no «Contacto Físico» com a mãe. Os valores mais baixos destas crianças surgem na escala de «Proximidade» com a mãe. As crianças do Grupo 1 apresentam valores significativamente superiores na escala de «Interacção Suave» com a mãe, quando comparadas com os Grupos 2 ($p>0.000$) e 3 ($p<0.003$); na escala de «Contacto Físico» com a mãe ($p<0.000$) quando comparadas com as crianças do Grupo 3 e na escala de «Proximidade» com a

mãe face ao Grupo 2 ($p<0.000$). Estes resultados vão ao encontro do já referido por Ainsworth et al. (1978), de que uma criança seguramente vinculada apresenta comportamentos de exploração do meio uma vez que está confiante em pais disponíveis, protectores e tranquilizantes. De acordo com a *Taxonomia dos tipos de vinculação* de Ainsworth (Ainsworth et al., 1978) este tipo corresponde ao grupo B, crianças *Seguras*.

As crianças inseguras e dependentes (Grupo 2) são as que revelam valores mais elevados na escala «Proximidade» com a mãe quando comparadas com as crianças dos Grupos 1 ($p<0.000$) e 3 ($p<0.0029$). Têm também valores muito elevados na escala de «Contacto Físico» com a mãe, onde se encontram diferenças significativas com o Grupo 3 ($p<0.000$). São as crianças que apresentam os valores mais baixos na escala «Interacção Suave» com a mãe, tendo diferenças significativas com as crianças do Grupo 1 ($p<0.000$). De acordo com a *Classificação da Situação Estranha* (Ainsworth et al., 1978), este grupo poderá corresponder ao tipo C, crianças *Inseguras-Resistentes*, em que a característica principal é a procura ávida de contacto com a mãe. Uma vez que este é atingido, oferecem grande resistência ao mesmo, não sendo capazes de utilizar adequadamente a mãe como base-segura.

Finalmente, as crianças percebidas como inseguras e independentes (Grupo 3), quando comparados com as crianças dos restantes grupo são as que revelam valores mais baixos na escala de «Contacto Físico» com a mãe em relação ao Grupo 1 ($p < 0.000$) e 2 ($p < 0.000$) e na escala de «Proximidade» com a mãe, embora nesta só existam diferenças significativas com o Grupo 2 ($p < 0.002$). Comparativamente com o grupo das crianças seguras (Grupo 1) revelam, também, valores significativamente inferiores na escala de «Interacção Suave» com a mãe ($p < 0.003$). A nível da escala de «Interacção com os Adultos» não se verificaram diferenças significativas para nenhum dos três grupos, pelo que os seus valores não são aqui apresentados. O Grupo 3 corresponderá na *Classificação da Situação Estranha* (Ainsworth et al., 1978) ao grupo das crianças (A) *Inseguras-Evitantes*.

4.2. Análise da Compreensão Pró-social e da Descentração Cognitiva e Afectiva com base nas representações maternas sobre a Qualidade da Vinculação

Este estudo visava estudar dois domínios da Cognição Social: a Compreensão Pró-social e a Descentração Cognitiva e Afectiva. A análise dos dados foi realizada em termos de uma medida Global para a Compreensão Pró-social, a

Descentração Cognitiva e Afectiva, tendo-se em seguida analisado as respostas e as justificações dadas pelas crianças.

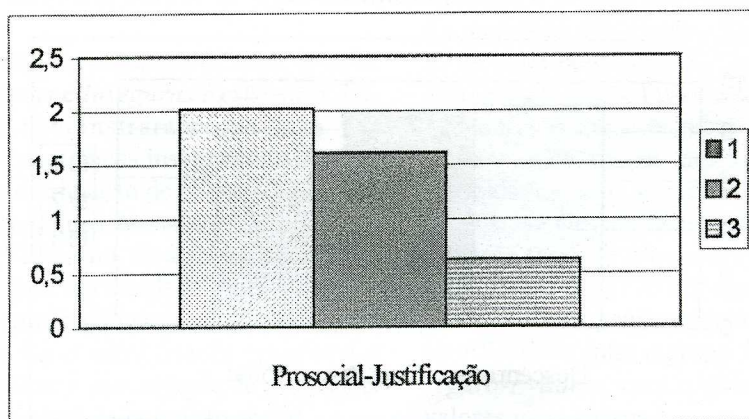
Com base nos três grupos de crianças identificados pelas mães, ou seja, o Grupo *Seguro*, o Grupo *Inseguro-Resistente* e o Grupo *Inseguro-Evitante* procurou-se através de uma Análise de Variância analisar a Compreensão Pró-social e a Descentração Cognitiva e Afectiva dos referidos grupos.

4.3. Compreensão Pró-social

A nível da Compreensão Pró-social Global não se verificaram diferenças significativas entre os 3 grupos, tal como na Compreensão Pró-social – Resposta. Contudo, na Compreensão Pró-social – Justificação foram encontradas diferenças significativas entre os grupos ($f(49, 2) = 5.045$, $p < 0.010$). Através de uma análise *Post-Hoc* verificou-se que existiam diferenças significativas entre os Grupos *Seguro* e *Inseguro-Evitante* ($p < 0.003$) e entre os Grupos *Inseguro-Resistente* e *Inseguro-Evitante* ($p < 0.049$), como se pode observar na Figura 3.

As crianças *Inseguras-Evitantes* são as que comparativamente com as crianças dos outros grupos apresentam os valores significativamente mais baixos na Compreensão Pró-social – Justificação.

FIGURA 3



4.4. Descentração cognitiva

Na Descentração Cognitiva Global observaram-se diferenças significativas entre os 3 grupos de crianças ($f(48, 2)=9.073, p<0.000$). Com base numa análise *Post-Hoc* constatou-se que existiam diferenças significativas entre os grupos *Seguro* e *Inseguro-Evitante* ($p<0.000$) e os grupos *Inseguro-Resistente* e *Inseguro-Evitante* ($p<0.001$), como se pode observar na Figura 4. É o Grupo *Inseguro-Evitante* que comparativamente com as outras crianças apresentam os valores mais baixos na Descentração Cognitiva Global.

Na Descentração Cognitiva – Resposta, também se verificaram diferenças significativas entre os 3 grupos de crianças ($f(49, 2)=4.749, p<0.13$). Através da análise *Post-Hoc* encontraram-se diferenças significativas entre os grupos *Seguro* e *Inseguro-Evitante* ($p<0.005$) e os Grupos *Inseguro-Resistente* e *Inseguro-Evitante* ($p<0.011$). Comparativamente com os Grupos *Seguro* e *Inseguro-Resistente* são as crianças *Inseguras-Evitante* que apresentam os valores mais baixos a nível da Descentração Cognitiva – Resposta.

Na Descentração Cognitiva – Justificação encontraram-se diferenças significativas entre os grupos de crianças ($f(48, 2) = 11,721, p<0.000$). Com base numa análise *Post-Hoc* verificou-se que existem diferenças significativas entre os

Grupos *Seguro* e *Inseguro-Evitante* ($p<0.000$) e entre os Grupos *Inseguro-Resistente* e *Inseguro-Evitante* ($p<0.000$). Tal como para a Descentração Cognitiva Resposta, também, a nível da Justificação se verifica que o grupo de crianças *Inseguro-Evitante* é o que apresenta valores mais baixos, quando comparado com os outros dois grupos de crianças.

4.5. Descentração Afectiva

Através de uma Análise de Variância não foram encontradas diferenças significativas entre os três grupos para a Descentração Afectiva Global ($F(49, 2)=1,959, p<0.152$). Contudo, uma análise *Post-Hoc* permitiu verificar que existiam diferenças significativas entre os Grupo *Seguro* e *Inseguro-Evitante* ($p>0.05$), como se pode observar pela Figura 5.

Para a Descentração Afectiva – Resposta não foram encontradas diferenças significativas entre os três grupos de crianças. A nível da Descentração Afectiva – Justificação não se encontram diferenças significativas entre os grupos de crianças ($f(49, 2)=2,427, p<0.099$). Contudo, uma análise *Post-Hoc* revelou a existência de diferenças significativas entre os Grupos *Seguro* e o *Inseguro-Evitante* ($p<0.05$). O grupo das crianças *Inseguro-Evitante* apresenta os valores mais baixos na Descentração Afectiva – Justificação.

FIGURA 4

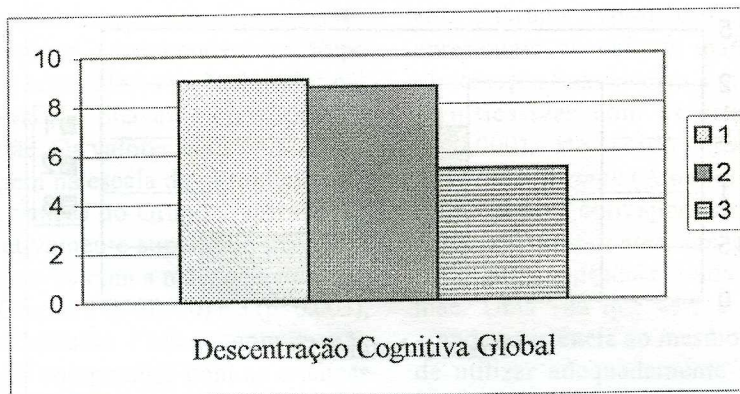
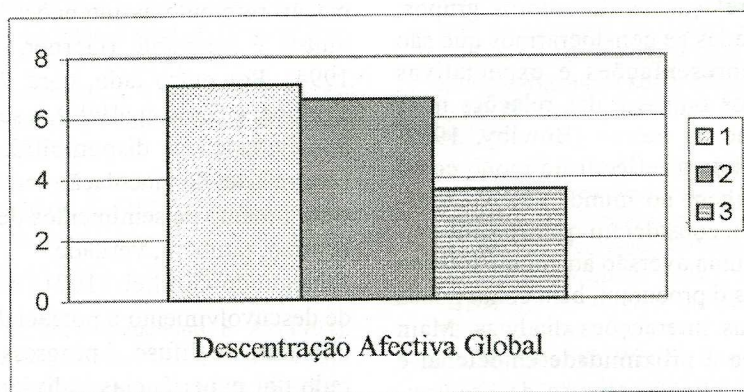


FIGURA 5



5. DISCUSSÃO

Este trabalho demonstra que é possível caracterizar a qualidade da vinculação com base nas descrições da mãe. Através da análise hierárquica de *Clusters* foram identificados três grupos de crianças com estilos de vinculação significativamente diferentes. Estes resultados estão, até certo ponto, de acordo com a taxonomia proposta por Ainsworth (Ainsworth et al., 1978).

Os resultados obtidos neste estudo suportam estudos prévios que afirmam que a expressão e compreensão das emoções de crianças, em idade pré-escolar, estão relacionadas com as interações e a relação estabelecida entre a figura de vinculação durante os períodos da primeira e segunda infância (Denham, 1997; Denham & Couchoud, 1990; Denham, Zoller & Couchoud, 1994).

No entanto, não encontramos diferenças entre as crianças *Seguras* e *Inseguras Resistentes*. Estudos prévios demonstraram que uma das características das crianças inseguras resistentes é o seu controlo da situação de comunicação com a mãe, para além da procura constante de proximidade física (Veríssimo, Strayer, Blisharsky & Santos, 1995). Esta necessidade de dominância na situação de interação com a mãe pode contribuir para uma maior identificação emocional e desta forma explicar a inexistência de diferenças significativas ao nível da cognição social.

Os dados obtidos a nível da nossa amostra revelam que são as crianças percebidas pelas suas mães como *Inseguras-Evitantes* que obtêm os valores mais baixos nas dimensões da Cognição Social por nós estudadas. A nível da Compreensão Pró-social não se encontraram diferenças significativas na medida de Compreensão Pró-social Global ou de Resposta (onde se avalia a sua tendência para intervir de forma Pró-social face a uma criança em situação problemática), podendo-se pensar que as crianças deram a resposta considerada socialmente correcta. Contudo, quando têm que justificar as respostas dadas (que reflectem a compreensão que têm das necessidades do outro), surgem diferenças entre as crianças dos Grupos *Seguro* e *Inseguro-Resistente* e as do Grupo *Inseguro-Evitante*.

A nível da Descentração Cognitiva Global, Resposta e Justificação (onde se procurou avaliar a capacidade das crianças em perceberem o ponto de vista cognitivo do outro) são também as crianças percebidas como inseguras e independentes pelas suas mães que apresentam os valores mais baixos nesta dimensão, quando comparadas com as crianças dos outros dois grupos. Na Descentração Afectiva Global e Justificação (onde se procurou analisar a capacidade das crianças em perceber o ponto de vista afectivo do outro), apenas se encontraram diferenças significativas entre o grupo *Seguro* e o grupo *Inseguro-Evitante*, com o último os apresentar os valores mais baixos.

As diferenças das crianças do Grupo *Inseguro-Evitante*, em relação às dos outros grupos, podem ser explicadas se considerarmos que são crianças com representações e expectativas acerca do *self*, dos outros e das relações mais negativas, do que as outras (Bowlby, 1969, 1982), o que se poderá reflectir no modo como percebem e agem no mundo social. Ainsworth et al. (1978), consideram que as mães evitantes expressam uma aversão ao contacto físico quando as crianças o procuram, bem como pouca emoção durante as interacções diádicas. Main (1990) sugere que a proximidade emocional é muitas vezes comunicada através da proximidade física pelo que, mães com relações evitantes sentem-se, relativamente, pouco confortáveis com o contacto físico com os seus filhos. Por outro lado crianças com este tipo de relação procuram acalmar-se a elas próprias, em vez de se aproximarem da mãe em busca de conforto. Também, Pederson e Moran (1995), referem que o princípio organizador de uma relação evitante é o afecto negativo. A relação está focada no sentido de manter a distância emocional, particularmente em situações de stress intermédio. Assim, mães com relações evitantes são relativamente insensíveis aos sinais de mau estar das crianças (Pederson & Moran, 1995) e quando respondem a esses sinais, a sua resposta parece ser no sentido de orientar a atenção da criança para acontecimentos externos, em vez de se centrar em interacções afectivas baseadas e direccionadas para o mau estar da criança e seu alívio.

A pouca sensibilidade e previsibilidade do comportamento dos outros e do meio, poderá conduzir a uma maior dificuldade por parte das crianças percebidas como inseguras e independentes, em compreender as necessidades dos outros, levando-as assim a intervir de um modo egoísta e não Pró-social, o que é visível a nível da nossa amostra, em que a Compreensão Pró-social – Justificação é significativamente inferior neste grupo de crianças.

Esta é também uma justificação plausível para as diferenças encontradas a nível da Descenração Cognitiva, em que as crianças do Grupo 3 revelam uma maior dificuldade em perceber o ponto de vista cognitivo do outro, comparativamente com as outras crianças. Ou seja, de identificar os pensamentos e intenções dos outros, o

que se reflecte nos seus actos, quando as informação referente às intenções e motivações dos outros é relevante (Garner, Jones & Palmer, 1994). Por outro lado, para Weinfield, Sroufe, Egeland, e Carlson (1999), a sensibilidade, a responsividade e a disponibilidade subjacentes a uma relação de vinculação segura, deixam prever o surgimento de sentimentos de empatia, sendo o inverso, também, verdade.

Segundo Gottlieb (1991) durante o processo de desenvolvimento o potencial comportamental, inicialmente difuso, é progressivamente estruturado por experiências individuais, isto é, experiências passadas restringem a variação possível de reacção em contextos futuros e orientam a criança no sentido de adoptar e consolidar diferentes modos de funcionamento social. No entanto, esperar que a relação de vinculação entre a mãe e a criança explique de uma forma inequívoca o desenvolvimento sócio-cognitivo por parte da criança, seria adoptar uma perspectiva reducionista do contexto social. Concluindo, investigações futuras nesta área devem contemplar o estudo de outros factores de ordem social e relacional que caracterizam o meio ambiente onde a criança se desenvolve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J: Erlbaum.
- Belsky, J., Spritz, B., & Crnic, K. (1996). Infant attachment security and affective-cognitive information processing at age 3. *Psychological Science*, 7 (2), 111-114.
- Bowlby, J. (1969, 1982). *Attachment and Loss. Vol. 1: Attachment*. Londres: Hogarth Press.
- Buck, R. (1993). Emotional communication, emotional competence, and physical illness: A developmental-interactionist view. In Harald C. Traue & J. W. Pennebaker (Eds), *Emotion inhibition and health* (pp. 32-56). Kirkland, WA, US: Hogrefe & Huber Publishers.
- Denham, S. A. (1997). «When I have a bad dream mommy holds me»: Preschoolers' conceptions of emotions, parental socialisation, and emotional competence. *International Journal of Behavioral Development*, 20 (2), 301-319.

- Denham, S. A., & Auerbach, S. (1995). Mother-child dialogue about emotions and preschoolers' emotional competence. *Genetic, Social, & General Psychology Monographs*, 121 (3), 313-337.
- Denham, S. A., & Couchoud, E. (1990). Young preschoolers' understanding of emotions. *Child Study Journal*, 20 (3), 171-192.
- Denham, S. A., Mitchell-Copeland, J., Strandberg, K., Auerbach, S., & Blair, K. (1997). Parental contributions to preschoolers' emotional competence: Direct and indirect effects. *Motivation & Emotion*, 21 (1), 65-86.
- Denham, S. A., Zoller, D., & Couchoud, E. A. (1994). Socialization of preschoolers' emotion understanding. *Developmental Psychology*, 30 (6), 928-936.
- DeMulder, E. K., Denham, S., Schmidt, M., & Mitchell, J. (2000). Q-sort assessment of attachment security during the preschool years: Links from home to school. *Developmental Psychology*, 36 (2), 274-282.
- Garner, P. W., Jones, D. C., & Palmer, D. J. (1994). Social cognitive correlates of preschool children's sibling caregiving behavior. *Development Psychology*, 30 (6), 905-911.
- Izard, C. E., & Malatesta, C. Z. (1987). Perspectives on emotional development I: Differential emotions theory of early emotional development. In J. D. Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (2nd ed., pp. 494-554). New York: Wiley-Interscience.
- Gottlieb, G. (1991). Experiential canalization of behavioral development: Theory. *Developmental Psychology*, 27, 4-17.
- Kirsh, S. J., & Cassidy, J. (1997). Preschoolers' attention to and memory for attachment-relevant information. *Child Development*, 68 (6), 1143-1154.
- Laible, D. J., & Thompson, R. A. (1998). Attachment and emotional understanding in preschool children. *Developmental Psychology*, 34 (5), 1038-1045.
- Lewis, M. (1998). Emotional competence and development. In D. Pushkar, & W. Bukowski (Eds.), *Improving competence across the lifespan: Building interventions based on theory and research* (pp. 27-36). New York, NY, US: Plenum Press.
- Main, M. (1990). Parental aversion to infant-initiated contact is correlated with the parent's own rejection during childhood: The effects of experience on signals of security with respect to attachment. In K. E. Barnard, & T.-B. Brazelton (Eds.), *Touch: The foundation of experience*. Madison, CT: International Universities Press.
- Meins, E. (1997). *Security of attachment and the social development of cognition. Essays in developmental psychology*. Hove, England: Psychology Press/Erlbaum (UK) Taylor & Francis.
- Pederson, D., & Moran, G. (1995). A categorical description of infant-mother relationships in the home and its relations to Q-Sort measures of infant-mother interaction. In Waters, Vaughn, Posada & Kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 49-70.
- Posada, G., Waters, E., Crowell, J. A., & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as a secure base? Attachment Q-Sort correlates of adult attachment interview. In Waters, Vaughn, Posada & Kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 133-145.
- Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., Kondo-Ikemura, K., Haaland, W., & Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behavior, mother's preferences and experts concepts. In Waters, Vaughn, Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 27-47.
- Saarni, C. (1999). *The development of emotional competence. The Guilford series on social and emotional development*. New York, NY, US: The Guilford Press.
- Thompson, R. A. (1998). Emotional competence and the development of self. *Psychological Inquiry*, 9 (4), 308-309.
- Sroufe, A. (1988). The role of infant-caregiver attachment in development. In J. Belsky, & Nezworski (Eds.), *Clinical implications of Attachment*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Steele, H., Steele, M., Croft, C., & Fonagy, P. (1999). Infant-Mother Attachment at One Year Predicts Children's Understanding of Mixed Emotions at Six Years. *Social Development*, 8 (2), 161.
- Strayer, F., Gravel, F., Pagé, P., & Biazutti, H. (1994). *Manuel d'évaluation de la pensée sociale du jeune enfant*. Laboratoire D'Ethologie Humaine. Département de Psychologie. Université du Québec.
- Strayer, F., Verissimo, M., Vaughn, B. & Howes, C. (1995). A quantitative approach to the description and classification of primary social relationships. In Waters, Vaughn, Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2-3), 49-70.
- Thompson, R. A. (1998). Early sociopersonality development. In W. Damon, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbooks of Child Psychology-Social, Emotional and Personality Development* (Vol. 3, pp. 25-84). New York: Ed. John Wiley & Sons.
- Verissimo, M., Blicharsky, T., Strayer, F., & Santos, A. (1995). Vinculação e estilos de comunicação da criança. *Análise Psicológica*, 13 (1-2), 145-155.
- Waters, E. (1987). *Attachment behavior Q-set (revision 3.0)*. Unpublished instrument, State University of New York at Stony Brook, Department of Psychology.

Waters, E. (1995). Appendix A: Attachment Q-set (version 3.0). In Waters, Vaughn, Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs Child Development*, 60 (2-3), 234-246.

Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. A. (1999). The nature of individual differences in infant-caregiver attachment. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 68-85). New York: The Guilford Press.

RESUMO

O presente estudo aborda as implicações da qualidade da relação de vinculação no modo como a criança conceptualiza e raciocina sobre o mundo social. Os investigadores que trabalham na área da vinculação defendem que o pensamento social da criança reflecte diferentes internalizações de aspectos das primeiras interacções.

Os participantes do estudo foram 50 díades mãe-criança, do distrito de Lisboa, Portugal. A média de idade das crianças era de 41 meses, sendo 27 raparigas e 23 rapazes. As idades das mães variavam entre os 27 e ao 42 anos ($\alpha = 32,26$; $dp = 4.34$). As crianças passavam em média 6.80 horas no Jardim-de-infância. As famílias pertenciam à classe social média de acordo com os padrões portugueses. Foi pedido às mães que completassem-se o *Attachment Q-Set* (Waters, 1995), com vista a analisar a qualidade da relação de vinculação. O pensamento social das crianças foi avaliado através da Bateria de Provas Sócio-cognitivas de Strayer, Gravel, Pagé, e Biazutti (1994). Dois investigadores analisaram o conteúdo do discurso das crianças (Pearson $> .89$). As medidas do pensamento social utilizadas foram a compreensão pró-social, a descentração cognitiva e a descentração afectiva. Através da análise hierárquica de *clusters*, e com base nas representações maternas foram identificados três grupos de crianças com estilos de vinculação significativamente diferentes. Estes resultados estão, até certo ponto, de acordo com a taxonomia proposta por Ainsworth. Com base nos três grupos de crianças identificados pelas mães, ou seja, o Grupo *Seguro*, o Grupo *Inseguro-Resistente* e o Grupo *Inseguro-Evitante* analisou-se através de uma Análise de Variância a Compreensão Pró-social e a Descentração Cognitiva e Afectiva dos referidos grupos. A nível da Compreensão Pró-social Global não se verificaram diferenças significativas entre os 3 grupos, tal como na Compreensão Pró-social - Resposta. Contudo, na Compreensão Pró-social - Justificação foram encontradas diferenças significativas entre os grupos ($f(49, 2)=5.045$, $p<0.010$). Na Descentração Cognitiva Global observaram-se diferenças significativas entre os 3 grupos de crianças ($f(48, 2)=$

9.073 , $p<0.000$). Na Descentração Cognitiva - Resposta, também se verificaram diferenças significativas entre os 3 grupos de crianças ($f(49, 2)=4.749$, $p<0.13$). Na Descentração Cognitiva - Justificação encontraram-se diferenças significativas entre os grupos ($f(48, 2)=11,721$, $p<0.000$). Através de uma Análise de Variância não foram encontradas diferenças significativas entre os três grupos para a Descentração Afectiva Global ($F(49, 2)=1,959$, $p<0.152$). Contudo, uma análise *Post-Hoc* permitiu verificar que existiam diferenças significativas entre os Grupo *Seguro* e *Inseguro-Evitante* ($p>0.05$).

Os resultados obtidos neste estudo suportam estudos prévios que afirmam que a expressão e compreensão das emoções de crianças, em idade pré-escolar, estão relacionadas com as interacções e a relação estabelecida entre a figura de vinculação durante os períodos da primeira e segunda infância (Denham, 1997; Denham & Couchoud, 1990; Denham, Zoller & Couchoud, 1994).

Palavras-chave: Vinculação, cognição social, emoções.

ABSTRACT

Cognitive theories suggest that children's social thought is organized in terms of role taking skills and the understanding of psychological states of others. Researchers working on attachment argue that children's social thought reflects differential internalisation of aspects of early interaction. Our research examined the relations between patterns of children's social thought and quality of attachment relationships. The participants were 50 mothers and their children, from Lisbon, Portugal. Children mean age level was 41 months, 27 girls, and 23 boys. Mothers' age ranged from 21 to 42 years ($M=32,26$, $SD=4.34$). Children spend in average 6,80 hours in school. All the families were from middle class for Portuguese standards.

Mothers were asked to complete the Attachment Q sort (Watters, 1987). Children's social thought was evaluated through their social interpretations of several vignettes. Two coders analysed the content of children's discourse (Pearson correlations $> .89$). Measures of social thought were Prosocial Reactivity, Cognitive decentration and affective decentration.

Cluster analyses of obtained Q profiles revealed three distinct types of attachment relationships. Results showed that secure children used more prosocial reactivity, and cognitive decentration that insecure children. These findings suggest that quality of attachment empowers and constrains child's adaptation and understanding of their social world and the acquisition of subsequent social skills

Key words: Attachment, social cognition, emotions.